

Vol 5 Issue 11 August 2016

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Manichander Thammishetty

Ph.d Research Scholar, Faculty of Education IASE, Osmania University, Hyderabad.

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pintea Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMARALAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V.MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S.KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept.English, Government Postgraduate College , solan

More.....



THE MYTHICAL DRINK OF SAKPÓ AS FEMALE LABOR DIMENSION IN SATERÉ-MAWÉ ETHNICITY, STATE OF AMAZONAS, BRAZIL

Iraildes Caldas Torres

Doctor degree in Social Science & Anthropology by Pontific Catholic University of São Paulo. Professor and Researcher of Federal University of Amazonas – UFAM.

ABSTRACT

One of the founding myths of the Sateré-Mawé that account there is a female principle at the root of this people. The sateré-mawé mythology tells that the origin and the humanity of these people comes from the strength of a woman who, living in an enchanted, pre-human dimension, had her son killed by two of his brothers who did not accept their pregnancy generated by a snake. She had been passed over by the brothers bury her son alone and, the eyes of a boy, is born the Guarana plant and it is the principal element of the work, of sociality and life of ethnicity. The sakpó, drink derived from Guarana tree, assumes a gender issue. This post-doctorate research focused on the perspective of Ethnology indigenous establishes dialogue to the need for construction of other explanatory contributions of gender relations in the Indian context.

KEYWORDS :Indigenous Woman. Sakpó. Work.



Figura 1 - Cuia Sagrada contendo o Sakpó feita pela etnia Saterés-Mawé. made by Sateré-Mawé ethnicity .[Sateré Maué Cup with Sakpó drink with Sakpó]. Fonte : a autora



A bebida mítica do Sakpó como uma dimensão feminina exclusiva do trabalho na etnia Sateré-Mawé, no Amazonas

RESUMO

Um dos mitos fundadores da etnia Sateré-Mawé da conta de que há um princípio feminino na origem desse povo. A mitologia sateré-mawé informa que a origem e a humanidade desse povo advêm da força de uma mulher que, vivendo numa dimensão encantada, pré-humana, teve seu filho morto por dois irmãos seus que não aceitaram sua gravidez gerada por uma cobrinha. Ela que já tinha sido deserdada pelos irmãos enterra seu filho sozinha e, dos olhos do menino, nasce a planta do guaraná que é o elemento nucleador do trabalho, da sociabilidade e toda a vida da etnia. O

sakpó, bebida derivada do guaraná, assume uma questão de gênero. Esta pesquisa de Pós-Doutoramento centrada na perspectiva da etnologia indígena estabelece diálogo para a necessidade de construção de outros aportes explicativos das relações de gênero no contexto indígena.

Palavras-chave: Mulher Indígena. Sakpó. Trabalho.

INTRODUÇÃO

Este estudo, parte de minha pesquisa pós-doutoral, traz o tema da mulher indígena estabelecendo um recorte sobre a expressão do feminino no âmbito da cultura sateré-mawé. Trata-se de uma presença protagônica tecida por dentro da sociabilidade e das relações internas de pertença identitária, de um povo que se reconhece tributário da potência de uma mulher.

O que ressoa na potência atribuída à mulher mawé não é de matriz biológica, uterina, é peremptoriamente, da ordem de uma força ontológica que originariamente vem dela, converge nela, e volta para ela. Isto conduz à ideia de que é o feminino que emerge com um rico potencial de significação nesta etnia, aquilo que se acredita ser uma aura ancestral que tece o tapete da sociabilidade mawé.

Esta pesquisa de base dialogizante tem o propósito de desviar o olhar das conceptualizações da ciência moderna, para escapar de possíveis armadilhas que se interpõem, sobretudo no âmbito das relações de gênero, embora não deixemos de condescender com elas. Dialógico é aquilo que junta o que está separado, diz Morin (2003).

O trabalho de campo foi realizado em duas comunidades Sateré-Mawé, Simão e Umirituba, ambas localizadas no rio Andirá, município de Barreirinha, no Amazonas. Para os propósitos deste paper privilegiamos dados de entrevistas profundas realizadas com mulheres idosas das comunidades em apreço, além de lideranças masculinas e um indigenista. O corte analítico é feito no aspecto do sakpó, bebida mítica, protagonizada pelas mulheres mawé no âmbito do seu papel político dentro da sua etnia. Estou falando de um canto de trabalho, não no sentido de entonação de uma cantiga ou de uma canção, mas no sentido de uma lira melódica de um fazimento ou de um *savoir – faire*, próprio da mulher sateré-mawé sem qualquer possibilidade de transferência deste trabalho para o gênero masculino.

Estas composições do feminino no contexto indígena se furtam a uma interpretação estritamente ocidentalizada, vindo, pois, enriquecer o debate de gênero na etnologia que pouco tem se debruçado sobre as mulheres indígenas.

Sakpó, expressão do feminino na etnia sateré-mawé

O sakpó é um elemento distintivo da autoridade da mulher na etnia Sateré-Mawé, uma bebida mítica mediadora da política que ilumina a prática coletiva no que concerne às tomadas de decisão. Trata-se de uma bebida derivada do guaraná, planta nativa, que dá sustentáculo de trabalho e sobrevivência a este povo étnico.



Figura 2 - Bastão de guaraná e a pedra utilizados no preparo do Saktó. [the guaraná cane and the stone tha used to prepare the saktó drink.]

Fonte : a autora.

O guaraná, esta planta aclimatada na Amazônia pelos Sateré-Mawé, possui função social, cultural e econômica. É um produto denso de valor simbólico e comercial. O modo de relacionamento dos *mawé* com o guaraná estatui sentidos e, sob este manto, os Sateré-Mawé se autodenominam ‘os filhos do guaraná’, tendo esta planta primazia na organização social e econômica deste povo. São eles os inventores da cultura do guaraná, “domesticaram a trepadeira silvestre e criaram a técnica para seu beneficiamento” (TEIXEIRA, 2005, s/p).

Observe-se, que o guaraná atravessa suas vidas como um feixe de luz, uma pedra de toque, que conduz o povo ao caminho do bem, por isso, o saktó é fonte iluminadora das decisões que levam ao bem-comum. Vivaldo Valente (42 anos), índio Sateré-Mawé, é enfático em afirmar que “o

saktó é sagrado. Bebe-se em conjunto, coletivamente, para procurar a graça da natureza, a vida em paz na família. Começa a ser bebido pelo lado direito porque o direito representa a harmonia, o positivo, a ordem cósmica” (entrevista/2012).



Figura 3 - Dra. Iraildes Torres bebendo o Saktó. [Dr. Torres (author) is drinking the Saktó.]

O guaraná é uma territorialização, uma identidade, uma relação de pertença dos *mawé*, o que “gera um corpo coletivo e engendra um *ethos*” (MAFFESOLI, 2005, p. 110). O desenrolar da vida *mawé*, seu modo de ser e estar no mundo, se dá em torno do guaraná, ainda que esta planta não se constitua na sua fonte de renda. O guaraná é um *ethos*, uma ordem social que remete para a sua ontogênese. A historiográfica dá conta de que a origem da etnia Sateré-Mawé é ligada, visceralmente, à planta guaraná, nascida do olho direito do herói civilizador, daí que a ontologia deste povo imiscui-se com o guaraná e, por conseguinte, com o saktó.

Para além do sabor de uma bebida revigorante, o saktó engendra um significado político, perceptível no seu uso coletivo e nos tipos de acontecimentos nos quais ele é servido. Política para os propósitos dos Sateré-Mawé, em uso ritualístico do saktó, envolve uma dimensão de pertença tribal em estreita relação com a natureza, com o cosmos e com a vida em sociedade. O valor e a sua eficácia, como diz Uggé (1993, p. 28), “estão no momento de tomá-lo juntos e reviver, reforçar a memória tribal”. É também o que diz Leonice

Souza (50 anos), mulher sateré-mawé da comunidade Molongotuba: “o saktó é respeitado, ele é o chefe. Onde tem saktó enche de gente porque ele chama o povo pra discutir, contar história, resolver nossos problemas de forma unida” (entrevista/2012).

O saktó é o elo da sociabilidade sateré-mawé, possui um veio transcendental que se conecta com o universo cosmogônico da mãe natureza, com os sonhos, com a esperança. Até a forma como é servido o saktó tem o significado vinculado à essa visão cosmogônica, pois “a cuia que gira pelo lado

direito simboliza a forma positiva de relação com a natureza, o que leva às boas relações econômicas e de prosperidade” (Vivaldo Valente, entrevista/2012).

A experiência e a vivência com as coisas tangíveis e dizíveis brotam de reservas cognitivas efetivas. Heidegger (2012, p. 58), lembra que “em cada um de seus modos de ser e, por conseguinte, também em sua compreensão de ser, a presença sempre já nasceu e cresceu dentro de uma interpretação de si mesma, herdeira da tradição”. Os Sateré-Mawé são seres nascidos do guaraná, em sua essência mítico-ôntica, receberam o sopro de Tupana, a alma, ainda na natureza guaraná, no olho da fruta, de onde brotaram e se constituíram como povo. É, compreensível, a este propósito, que eles se autodenominem filhos do guaraná de quem são tributários.

O guaraná ferve em suas veias, pois, como diz Vivaldo Valente, “é vida, é transcendente. O sakpó que vem do guaraná é vida dentro de um líquido que é a água e, isso, produz vida” (entrevista/2012). Tomemos esta indicação como uma composição estética, a aura mawé, que redundando numa perspectiva estético-política, na medida em que o ‘político’ se passa, como nunca antes, no âmbito estético”. (RAULET, 2012, p. 57) E, neste sentido, os Sateré-Mawé possuem no guaraná uma ontologia aurática, a qual para Benjamin (1984), é uma categoria de percepção sensorial.

É, por isso que, o sakpó, evoca a autoridade, porque ele é aurático e tem na noção bejaminiana de rastro o “seu entendimento como um termo de mediação” (GINZBURG, 2012, p. 109). Há duas dimensões da autoridade que o sakpó evoca. Uma está situada na figura política do tuxaua que, em alguns casos, serve a bebida às pessoas presentes do alto de sua autoridade. O Tuxaua evoca as relações de poder para chegar a resultados positivos e satisfatórios para o seu povo. O suporte do sakpó de onde o tuxaua serve as pessoas recebe o nome de patauí “que, na mitologia representa, junto com a cuia, a estrutura do mundo onde nós vivemos; é a terra que, com as águas, forma o universo onde vivem os homens” (UGGÉ, 1993, p. 28).

A outra autoridade do sakpó evoca a figura política da mulher, numa perspectiva ôntico-aurática, que busca rastrear aquela mãe que retirou o olho direito de seu filho morto e o plantou, nascendo dele a planta guaraná, elemento mediador da etnia Sateré-Mawé. Trata-se de reservas cognitivas da memória ancestral, de um rastro, que se interconecta com o mundo sensível das coisas cotidianas num tempo contemporâneo que canta. O contemporâneo, ensina Agamben (2009, p. 62), “é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros”.

A poética feminina sateré-mawé é, do alto da aura ôntica desta etnia, um canto contemporâneo que revela sentidos, que confere poder e faz renascer a força dentro da obscuridade, já que estas mulheres sempre estiveram na sombra, escondidas sacralmente do mundo da política tal qual um tabu. “contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” (AGAMBEN, 2009, p. 63).

O mito fundador do povo Sateré-Mawé dá conta de que há um princípio feminino na origem deste povo. Trata-se do princípio primeiro da etnia Sateré-Mawé, sua fonte nascente e geradora do povomawé. Uma mulher é banida do seu mundo pelo fato de ter transgredido as normas de um espaço, ainda não humano. Torna-se mãe solteira, tem seu filho morto por seus opressores e, num sopro de sabedoria, ao abençoar o filho antes de o enterrar, proferiu um discurso pético-ancestral dizendo que do seu corpo morto nasceria um povo forte, destemido, que lutaria pela sua prosperidade, e que, seu filho voltaria e presidiria as reuniões.

Está aqui a célula fundante do povo Sateré-Mawé, uma mulher com sua sabedoria, profere um discurso que institui a etnia, sendo, pois, este, o sentido ôntico-político de criação do povo. Os espíritos criadores escolheram uma mulher para servir de mediação à sua obra, conferindo ao evento criador

uma dimensão de gênero. Poderíamos, com bom senso supor, ser esta uma etnologia do sensível que envolve a mulher – historicamente excluída dos processos e dos grandes feitos – com o intuito de equilibrar as relações entre homens e mulheres dentro da etnia.

É justamente na nervura desta simbologia do feminino que podemos pensar com o outro a partir de uma reflexão do sensível, neste caso o outro é a mulher, vista com o olhar do preconceito. Esta célula mitológica feminina estabelece conexões entre partituras do patriarcado que ainda se mostram soltas e até ininteligíveis no universo indígena. A epifania do feminino no universo sateré-mawé se sustenta nas coisas que, ao olhar leigo parecem triviais, mas que, para a etnia, tem um significado diferente, porque remete à sua origem ontológica.

Viveiros de Castro desenvolve sua noção de perspectivismo como uma dobra, lembrando Deleuze, a qual nos permite pensar o feminino no contexto indígena mawé de forma desbordada. Para este autor, “o perspectivismo ameríndio procede segundo o princípio de que o ponto de vista cria o sujeito, será sujeito quem se encontrar ativado ou ‘agenciado’ pelo ponto de vista” (VIVEIROS, 1996, p. 127). A estilização, neste caso, é do sujeito mulher que é início e, ao mesmo tempo, o ponto de fuga de toda a política sateré-mawé.

Interessa-me ativar esse sujeito feminino que no âmbito da política representativa sateré-mawé sempre ocupou espaço invisível ou de pouca luminosidade, embora paradoxalmente, a mulher mawé seja o fulcro cultural para o qual tudo converge e encontra significação valoral. Trata-se de cantos interpretativos de sensibilidade cognoscitiva que se furta a uma visão unívoca. Uma percepção sensorial aurática, como situa Janz (2012) no campo dos estudos benjaminianos. “Perceber a aura de uma coisa significa investí-la do poder de revidar o olhar” (BENJAMIN, 1989, p. 140).

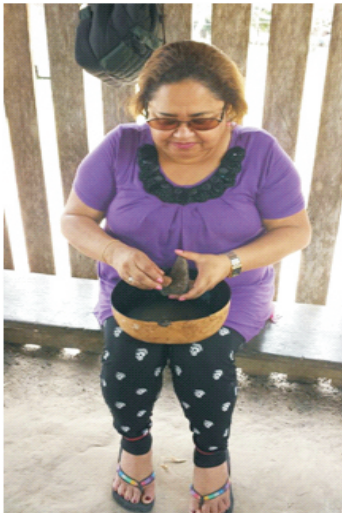


Figura 4 - A autora prepara o Sakpó do Guaraná. [The author is preparing the guaraná's sakpó.]

As mulheres, como venho sinalizando neste estudo, são as guardiãs da cultura mawé em face das raízes mitológicas que conferem a elas força sobre os destinos da etnia. São elas que se ocupam da feitura do sakpó e que introduzem o recipiente contendo a bebida (cuia) no lugar onde são realizadas as reuniões ou outros encontros coletivos. O guaraná é o elemento nucleador do espaço público, aqui compreendido como o lugar da política, do protagonismo, das negociações e da tomada de decisão. “É justamente nesse ritual, pelo qual é criada a esfera pública regida por uma ética do discurso, que a mulher indígena atua como responsável pelo suporte político da comunidade” (MATOS, 2012, P. 142).

O sakpó não é só uma bebida, é uma prática coletiva conduzida pelas mulheres e, esta prática, permeia e está presente em todas as ações e atos políticos desse povo. Não se toma nenhuma decisão política e nem tem fim nenhuma reunião sem o uso coletivo do sakpó. Estamos falando do poder aurático desta bebida mítico-transcendental que remete para o horizonte da esperança e dos bons dias que virão. Felicidade Lopes dos Santos (72, anos), índia mawé ouvida nesta pesquisa, revela que “quando se rala o sakpó é no silêncio, é na calma, não tem agonia, é pra conversar coisas boas, projetos, trabalho. O sakpó traz esperança, prosperidade e dias bons pra nós” (entrevista, 2013).

Atente-se para o fato de que, é o sakpó, que chama as pessoas. Ele é o tapete que tece a sociabilidade, que costura as relações, que introniza o discurso, a palavra, e que abre o debate. É o sakpó que ilumina a palavra, que inspira o debate e que dá sustentáculo para o coletivo tomar as decisões que necessita.

Tem-se aqui uma urdidura, algo que se funda ombreado com a ideia de dobra, em que devemos ver o mito por intermédio de sua inscrição, uma inscrição da história indígena, que se conta através da escrita do desvio que abre pontos de fuga. O ponto de fuga é uma tentativa deliberada de conseguir o deslumbre do valor feminino na etnia Sateré-Mawé. Ou seja, é preciso sair da epistemologia moderna-ocidental que ilumina as relações de gênero para compreendermos o feminino mawé, sendo, pois, este o ponto de fuga. Como diz Deleuze (2006, p. 103), “há como que uma ‘abertura’, uma ‘fenda’, uma ‘dobra’ ontológica que remete o ser e a questão um ao outro. Nesta relação, o ser é a própria diferença”. A mulher é este ser da diferença e “esta diferença não é ‘entre’, no sentido ordinário da palavra. Ela é a dobra” (DELEUZE, 2006, p. 104). A decodificação assume, por assim dizer, a forma de transformação ou inovação simbólica, pois, não é o propósito aqui, perceber a diferença de gênero entre mulher e homem, mas sim encontrar o desvio como o fio da meada ou dobra. O feminino mawé é visto como uma forma de possibilidade, uma dobra que o mito dá na sua ontogênese. Uma possibilidade de potência, não no sentido de superioridade competitiva com o outro gênero, mas como campo cognitivo de criação, estalos criativos da imaginação, capaz de se inventar dentro da sombra, do obscuro, já que o mundo é um caos dançante (NIETZSCHE, 1985).

O feminino mawé como possibilidade de potência aparece no mito fundador como uma inscrição, a qual se manifesta por rastro, por traços. A mulher proferiu um discurso “em cima” do filho que jazia morto, dizendo quedo seu olho transformado em guaraná, surgiria um povo forte e livre que alcançaria a prosperidade. Este discurso é, pois, uma evidência, um rastro, que dá vazão a um limiar. O limiar é a porta que se abre para a experiência inteligível, é uma penumbra, uma fresta, onde se acha o rastro que leva à inscrita. O limiar borra a fronteira, mas não se mistura com ela. Não é o limite, “é um mundo intermediário, entremundo, talvez também semi-mundo” (BEHRENS, 2010, p. 96).

O limiar não elimina a ontologia das coisas. O menino *kahu* é continua sendo visto como herói civilizador do povo Sateré-Mawé, o limiar borra essa fronteira, quando remete ao rastro da inscrita que vai esbarrar na mulher que preferiu o discurso que instituiu o povo. O discurso é a inscrita. O limiar se dá na relação com os dois outros, com o sujeito-sujeito. Neste caso, entre o discurso proferido pela mulher e o guaraná que brotou do olho do menino.

O mito utiliza-se de uma dobra para explicar como determinada coisa surgiu, ele funda alguma coisa, é uma possibilidade visionária que busca explicar uma situação. A isto chamamos dobra porque é preciso que saíamos do real para deixar o mito existir. A inscrição, para a qual o mito remete, precisa de um suporte, de uma coisa que se apresente e que lhe dê substância, então, aparece a mulher como guardiã do sakpó transvestido numa prática social “sacralizante”, canonicamente conduzida por elas. Este é o desvio encontrado para compreendermos de forma intempestiva a condição feminina e o seu valor dentro da etnia Sateré-Mawé.

O teor desta questão, a forma como foi captada em uma *leitura nietzscheana*, nas suas Considerações Intempestivas, supõe que o povo Sateré-Mawé, traz no seu nascedouro um princípio feminino e, com a prática do sakpó, faz guarda de uma cultura da diferença, em que o outro expõe seu saber, a partir da *différance* (DERRIDA, 2001). E, neste sentido, é claro, trafegamos no campo do perspectivismo. Um mundo diferente é proposto, a partir de perspectivas que traduzem o mundo indígena de outra forma. Interessa-me a ideia do desvio, não o confronto, mas a ideia de dobra para fazer delirar o intempestivo.

Bernardino Ferreira (63 anos), liderança sateré-mawé da comunidade Simão, revela que “antigamente a mulher não tinha valor. Hoje ela tem valor, estão no mesmo tamanho que o homem” (entrevista, 2013). Nesta mesma ordem de fala o nosso informante situa o fato de que “quando a mulher oferece o sakpó ela está oferecendo o filho dela que saiu do guaraná” (Bernardino Ferreira,

entrevista, 2013). Damo-nos conta, com assombro, de que o mito faz o seu trabalho, cumpre a sua função social na cultura sateré-mawé porque ele dispõe de um caldo cultural, de uma ambiência onde ele pode se espraiair, ser adornado.

As palavras de Bernardino de que no sakpó a mulher oferece o filho, remete para a inscrita do discurso de *Anhyã-muasawyp*, no sentido de que era preciso “doar o filho para fazer prosperar a etnia” (YAMA, 2007, p. 56). Este é, pois, um libelo intempestivo “porque procura compreender como um mal, um inconveniente e um defeito, algo do qual a época justamente se orgulha, isto é, a sua cultura histórica [...], tem exigência de atualidade” (NIETZSCHE, apud AGAMBEN, 2009, p.58). E, o próprio Agamben (2009, p. 58-59), nos ensina que

É verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo.

Toda a contextura da tradição sateré-mawé está ligada a esse princípio feminino do discurso que criou o povo e fez a sua epifania vinculada ao Waraná ou guaraná. E, esse princípio feminino “sacraliza” a mulher dentro da tribo, sitiando-a estritamente ao mundo mitológico. À luz desta genealogia arquetípica pode-se dizer que a submissão da mulher é mítica neste contexto indígena. Uggé (71 anos), indigenista ouvido nesta pesquisa, é enfático em dizer que “a mulher tem tempo específico para falar. Ela quase não fala, mas quando fala todo mundo escuta. Isto porque ela é depositária da tradição, da memória da tribo” (entrevista, 2013).

As mulheres sateré-mawé possuem um valor étnico insuprimível no campo político, pois, “sem elas e o sakpó, a reunião não começa. São elas que comandam o sakpó. Elas estão, afinal de contas, no comando da reunião” (Sônia Vilácio, 38 anos, índia sateré-mawé, entrevista, 2012). Essa percepção das mulheres como sujeitos políticos nasce do desvio, pois, na ode hodierna da política, amiúde, concreta e revestida de poder, é o homem que aparece e a ele é dado o cetro que conduz o povo. É essa a dobra que o mito faz em si mesmo, colocar a mulher no centro da política, mas no plano mítico, ou seja, “é uma maneira de oferecer uma ‘solução concreta’ para um determinado problema que se manifesta na sua forma abstrata [...], um elemento de vital importância para o cotidiano e para a cosmologia indígena” (FONSECA, 2013, p.37).

As mulheres, sob o manto mitológico, permanecem em silêncio durante toda a reunião, só falam se os homens as autorizarem, são invisibilizadas, sitiadas ou exiladas no próprio mito. Paradoxalmente, ela é alfa e ômega dentro da etnia, está no principio e no fim das práticas sociais. Suas práticas sociais estão presentes em todas as ações e atos de seu povo. São protagonistas, mas ao mesmo tempo, não aparecem na ode, não são empoderadas e incentivadas a tomarem a frente dos acontecimentos.

É, pois, exatamente, por causa deste paradoxo que procuro a dissipação, que procuro refugiar-me no desvio. Como sugere Agamben (2009), para ser contemporâneo tem que ser intempestivo, ver não só a luz, mas também trafegar nas trevas. É preciso abrir a fenda do buraco, fazer escavação no escuro, fazendo uma antropoesia.

O riso não vem depois do pensamento, ele complementa o pensamento, assim como o índio não existe, não é nada, é uma invenção. Esse ser aclimatado é homem, mulher, criança, povo, gente, humano. A etnologia produziu o índio, segregando-o e reificando-o, uma espécie de galáxia da interpretação. O mundo é pequeno e sombrio, por isso, busco um amanhã que canta, um desejo de ambivalência, evitando a clarividência em tudo.

Considerações finais

Para podermos compreender o alcance simbólico do sakpó, é preciso termos presente o princípio feminino que há nele. Primeiramente é preciso compreendermos que o tempo mítico tece o tempo presente, o *Kairós*, grávido de ação (TORRES, 2009). Depois, é interessante e sugestivo percebermos a constituição das relações de gênero por dentro da ontogênese do povo Sateré-Mawé. Está na narrativa sobre a origem desse povo o eclipse de gênero, que só enxergamos se adotarmos o limiar e estabelecermos um desvio, o que nem sempre o fazemos e assim contribuimos para que o corte de gênero permaneça imperceptível ou pouco visível no contexto étnico. Anhyã-muasawyp é a mulher da qual se desdobrou a criação do povo Sateré-Mawé, aquela que, no princípio de tudo, antes da existência da humanidade, vivia no nusoquén, que é o paraíso dos seres encantados inumano propriamente dito.

Anhyã-muasawyp também era um ser encantado que, de característica feminina, também se transformava em pássaro para voar e chegar mais rápido nos lugares, possuindo também qualidade de xamã na medida em que sabia manipular ervas da floresta. Mostra-se performática e multifacetada tal qual as mulheres deste planeta Terra que executam várias tarefas ao mesmo tempo, possuindo, pois, uma visão periférica das coisas que as rodeia, além do foco principal.

A decodificação assume, por assim dizer, a forma de reabilitação da simbologia feminina no contexto indígena Sateré-Mawé. O feminino é o início e, ao mesmo tempo, o ponto de convergência e união da tribo presente no ritual do sakpó, elaborado e comandado pelas mulheres. No sakpó, como pontua Nascimento (2010, p. 30), “as mulheres têm um espaço que é exclusivamente seu e não pode ser substituído pelo homem porque isto implicaria numa ruptura natural daquilo que é próprio de cada um dentro [...] das relações que se travam na sociedade étnica”.

Inexiste, a meu ver, uma partilha dos bens simbólicos dos Sateré-Mawé sem a presença do princípio feminino. Não existe a partilha sem o objeto simbólico, sem a ontologia das criaturas, esse (com) sentir originário que estatui os Sateré-Mawé. A voz autoral dos sujeitos que vivem a experiência cotidiana com o mito confirma a inscrita ontológica das relações de gênero, fecundando a vida do povo Sateré-Mawé. Os sujeitos da pesquisa identificam no sakpó o princípio feminino que conduz a política, iluminando a palavra e as decisões tomadas pela etnia, este é, pois, um furo ou um desvio pelo qual se pode compreender a importância valoral das mulheres mawé dentro de sua tribo étnica, a despeito de elas permanecem silenciadas e sitiadas na ode masculinizada da política representativa.

REFERÊNCIAS

1. AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Traduzido por Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009
2. BEHRENS, Roger. Seres limiaries, tempo limiaries, espaços limiaries. In: OTTE, Georg; SEDLMAYER, Sabrina; CORNELSON, Elcio (org). Limiaries e paisagens em Walter Benjamin. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010
3. BENJAMIN, Walter. Origem do drama barroco alemão. São Paulo: Brasiliense, 1984
4. _____. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Traduzido por João Carlos



Figura 5 - Autora com a cuia contendo sakpó. [The author with the cup of SAKPÓ drink].
Fonte : a autora.

- Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989
- 5.DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Traduzido por Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006
- 6.DERRIDA, Jacques. Posições. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001
- 7.FONSECA, Mário Geraldo Rocha da. A cobra e os poetas: uma mirada selvagem na literatura brasileira. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais (Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários). Belo Horizonte: UFMG, 2013
- 8.GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG (org). Walter Benjamin: rastro, aura e história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012
- 9.HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Traduzido por Márcia Sá Cavalcante Schuback. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012
- 10.MAFFESOLI, Michel. A transfiguração do político: A tribalização do mundo. Traduzido por Juremir Machado da Silva. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005
- 11.MATOS, Maria Helena Ortolan. Mulheres no movimento indígena: do espaço de complementariedade ao lugar da especificidade. In: SACCHI, Ângela; GRAMKON, Márcia Maria (org). Gênero e povos indígenas: coletânea de textos produzidos para o “Fazendo Gênero 9” e para a “279 Reunião Brasileira de Antropologia”. Rio de Janeiro, Brasília: Museu do Índio/Giz/Funai, 2012
- 12.MORIN, Edgar. O método 5: A humanidade da humanidade. Traduzido por Juremir Machado da Silva. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003
- 13.NASCIMENTO, Solange Pereira. Baku: Uma Tuxaua na Amazônia. Manaus: Edua, 2013
- 14.NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal: ou prelúdio de uma filosofia do futuro. Traduzido por Márcio Pugliesi. São Paulo: Hemus, 1985
- 15.RAULET, Gérard. Aura e auctoritas. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (org). Walter Benjamin. Rastro, aura e história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012
- 16.TEIXEIRA, Pery (org). Sateré-Mawé: retrato de um povo indígena. Relatório de pesquisa. Manaus: UFAM, 2005
- 17.UGGÉ, Henrique. As bonitas histórias sateré-mawé. Manaus: Secretária de Educação do Estado do Amazonas, 1993
- 18.VIVEIROS, Eduardo de Castro. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. Rio de Janeiro: Mana, 1996
- 19.TORRES, Iraildes Caldas. Arquitetura do poder: memória de Gilberto Mestrinho. Manaus: Edua, 2009
- 20.YAMÃ, Yaguerê. Sehaypório: o livro sagrado do povo sateré-mawé. São Paulo: Petrópolis, 2007.

¹A mitologia sateré-mawé informa que a origem e a humanidade desse povo advêm da força de uma mulher que, vivendo ainda em uma dimensão encantada pré-humana, teve seu filho morto por dois irmãos seus que não aceitaram sua gravidez gerada por uma cobrinha. Expulsa de casa pelos irmãos Anhyã-muasawyp criou sozinho seu filho longe deles, o qual recebeu o nome de Kahu`ê. Já crescido, o menino pede à mãe para voltar à região onde viviam seus tios já que os humanos ainda não tinham sido criados. A mãe não permitiu, mas o menino resolveu ir sozinho, ocasião em que foi morto pelos tios. A mãe enterrou o filho e do seu olho direito nasceu o guaraná de onde proliferou o povo mawé.

²O povo Sateré-Mawé volta a sua crença e a sua utopia para a natureza que é o seu universo. Os clãs desta grandenação recebem nomes extraídos deste universo cosmogônico, a saber: largata de fogo, Hwariá (ou Hwí); Gavião; Watunriã (ou ywaçai-Açaí); Napuwaniã (ou waraná); Guaraná Nhampo-

Pássaro do Mato Koreriwá- Cotia.

³É, sugestivo a este propósito a leitura de Walter Benjamin. Origem do drama barroco alemão (1984).



Iraildes Caldas Torres

Doctor degree in Social Science & Anthropology by Pontific Catholic University of São Paulo. Professor and Researcher of Federal University of Amazonas – UFAM.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal

For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra
Contact-9595359435
E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com
Website : www.ror.isrj.org